

Coluna do Castello

Sarney instala-se com líder próprio

A escolha de um líder do governo na Câmara — o nome já estava definido há dez dias — deixa óbvio o desejo do presidente José Sarney de ter no Congresso um porta-voz que não seja designado pelo PMDB. O sr. Carlos Sant'Anna iria submeter seu nome ao partido, coisa de que o dissuadiu o chefe do governo, precisamente para acentuar o papel diferente que lhe caberá na condução dos assuntos parlamentares. A experiência anterior não lhe terá dado plena satisfação e as inquietações internas do seu partido o aconselhariam a precaver-se contra compromissos ideológicos e políticos que distanciem o líder da orientação do governo.

A figura do líder do governo prevaleceu durante o regime de 1946, o primeiro na República a estatuir partidos de âmbito nacional, e as composições interpartidárias de apoio ao governo ou de oposição ao mesmo geraram a figura do líder do governo e do líder da oposição. Na verdade, porém, os líderes do governo jamais admitiram exercer o posto sem ter o prévio apoio do seu partido e acumulavam liderança do partido e do governo. Gustavo Capanema repeliu expressamente tentativa de diversificar as lideranças, pois entendia que somente poderia coordenar a maioria se fosse também o líder do PSD.

Como vice-líder, ele teve o deputado José Diogo Brochado da Rocha, líder do PTB, assim como os líderes da oposição tiveram seus vice-líderes na pessoa do líder do Partido Libertador. As coisas ocorreram assim durante todo o regime de 1946 até a extinção dos partidos quando Pedro Aleixo passou de líder da UDN e do governo para ser somente líder do governo. O MDB teve como líderes Oscar Pedrosa Horta, Mário Covas, cassado em fevereiro de 1969, e Alencar Furtado, cassado em 1977.

Como estamos em período constituinte e como as reformas que se preconizam deverão encontrar forma jurídica, seria de supor-se uma opção para a liderança de um professor de direito. O sr. Carlos Sant'Anna é médico. Mas a origem profissional não é obstáculo. Na Constituinte de 1946 o líder da oposição era o engenheiro

Otávio Mangabeira, o maior orador parlamentar da sua geração. A assessorá-lo tinha o deputado Prado Kelly, mestre de direito, e uma bancada de "leguleios" recém-saídos de longas férias.

Na história parlamentar recente há diversos casos de não bacharéis de direito que ascenderam à liderança. Carlos Lacerda, o grande líder da UDN, jamais concluiu seu curso superior e desde a juventude era basicamente um militante político e um jornalista. Mário Covas, como se sabe, é engenheiro e foi um líder eficiente do seu partido. A Arena e o PDS tiveram na liderança o general Filinto Muller e o coronel Jarbas Passarinho. O exercício do posto exige experiência política, visão geral dos problemas, dotes oratórios se há debates em perspectiva, coisa com a qual sempre se deve contar. Sob esse aspecto, o ministro Paulo Brossard foi o último grande orador parlamentar que se ouviu no Congresso nos últimos vinte anos, ao contrário do que acontecia antes com a proliferação dos Mangabeira, Prado Kelly, Nereu Ramos, Gustavo Capanema, Afonso Arinos, Carlos Lacerda, Aliomar Baleeiro, Adauto Cardoso, Almino Afonso.

A qualificação profissional frequentemente é excedida pelo saber que vem da experiência, a prática política, o conhecimento dos homens e da história política, pelo menos contemporânea. O jurista é mais um vezo nacional do que um predicado para a função pública. Assim como os economistas só se tornaram indispensáveis no Ministério da Fazenda e do Planejamento sob o regime militar: os generais precisavam de tecnocratas pouco exigentes politicamente. Antes disso apontavam-se como grandes ministros da Fazenda o médico homeopata Joaquim Murinho, o bancário Souza Costa e alguns bacharéis e banqueiros que se revezavam no posto na maior parte do período republicano. Getúlio Vargas, como se sabe, foi ministro da Fazenda sem que ele próprio se considerasse preparado para a função.

O papel do sr. Carlos Sant'Anna na liderança do governo é árduo e exige talento sobretudo se talentosos forem seus companheiros da liderança do PMDB e do PFL. O presidente Sarney o conhece da convivência no Congresso e no ministério e deve identificar nele qualidades para enfrentar situações difíceis e contornar conflitos quase inevitáveis entre um governo não ideológico e um partido com uma forte vocação ideológica. Nesse terreno não há anfíbios. Cada um é o que é e não pode fingir o contrário. Duplicidade e ambigüidade não se coadunam com a nitidez que deve ter no exercício da sua missão o líder do governo.

Carlos Castello Branco